



Histórias de vida e o Vera

A dona dos blocos lógicos



Mara Vada Lopes

Assessora de Matemática (EF nível 2)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Mara começou a trabalhar no Vera em 1969.
Ela se despediu da Escola em 2007.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

Quando o Vera era bebê

Minhas duas sobrinhas estudavam no Vera. E minha irmã falou: "Por que você não faz um estágio lá?". Aí, eu fui ao Vera, na Rua Frei Caneca. Fiz estágio. Durante meu estágio, em função do que eu coloquei num questionário escrito que preenchi, fui convidada para trabalhar na biblioteca. Acabou o ano, e, no começo do outro, me ofereceram uma classe. Direto. Não fui auxiliar, nada. E fiquei dez anos dando aula. Sempre para a 4ª série. Eu que fiz o primeiro acampamento do Vera com a minha classe. Com a 5ª série também. A minha classe e o 5º ano. Você não vai acreditar... No Cemucam [Centro Municipal de Campismo], em barraca do Exército, sem ganhar um tostão extra. A cozinheira do Vera ia lá fazer a comida, e nós servíamos. Época ótima! Imagine! Cemucam, em barraca do Exército... Depois, eu ainda fiz mais dois anos no Cemucam, mas dentro da sede. Meninas em cima, meninos embaixo. Era ótimo! Um ambiente muito familiar, não era uma grande empresa.

A gente tinha muito contato com os pais. A gente não tinha orientadora de série. A gente é que fazia as reuniões com os pais. Era uma outra época, mas muito boa. Foi durante o período militar, então nem precisa falar que era o espaço de discussão, de tudo. É essa minha história.

Anos de chumbo

Não chegava a ser um espaço de resistência. Acho que muito em função do nosso comprometimento com as crianças. Aos sábados, nós tínhamos reunião geral, porque funcionava de manhã e de tarde. Tinha classes de manhã e de tarde. Então, sábado era quando a gente podia se reunir. Tivemos palestras, mas acho que era uma coisa mais cuidadosa em função das crianças. Alguns pais tiveram que sair do Brasil, famílias que se mudaram. Acho que era um cuidado para não chegar às crianças.

Eu era professora polivalente e fui discípula da Lucília Bechara [fundadora]. Os primeiros trabalhos e experiências da Lucília no Vera, antes de fazer parte do Vera Cruz, foram na minha classe. Entrei em contato com o material multibase, com blocos lógicos. Começou na minha classe, e eu fui sendo formada pela Lucília. Eu não sou matemática, fiz pedagogia. É engraçado isso.

Tardes no Verão vazio

Era diferente o jeito que funcionava [a Matemática]. O TP [Trabalho Pessoal] era diferente. Tinha atividades livres, e era muito

baseado no desenvolvimento do raciocínio, não das técnicas. Tanto que os alunos só aprendiam a dividir com nove e dez anos. A dividir o tradicional. Era sempre através de material, de descobertas: “Como João, eu tenho tanto em dinheiro, quero comprar quatro qualquer coisa, quanto vai custar cada um?”. Eles pegavam o material, e cada um tinha o seu ritmo e o seu jeito, e todos eram valorizados.

Eu não sou matemática, sou pedagoga. Às vezes, encontro ex-alunos que falam: “Ai, tia, me lembro dos blocos”. Naquela época, se chamava professora de tia, péssimo hábito, mas era. “Eu me lembro dos blocos lógicos, da gente no chão.” Tanto que, quando eu e Elisa [Vieira, na época, professora] tínhamos classe no mesmo andar, eu ia dar aula de Matemática na classe dela, ela ia dar aula de Português na minha classe. Foi aí que começou nossa grande amizade.

Então, começou a construção da Emília Barbosa Lima. O ano seguinte teria 5ª série.

Com isso, a maioria dos alunos da 4ª foi para o período da manhã, ainda na [Avenida] Brasil. À tarde, só ficaram 17 alunos. Lá fui eu com os 17 alunos para a [Praça] Emília Barbosa Lima sozinha.

Tinha as duas salas da manhã, e eu sozinha, à tarde, na Escola com o Carlos, que era porteiro, faxineiro, ajudante, era tudo. Eram só eles, os 17. Então, eu jogava futebol com eles, o laboratório era aberto, se tinha uma ficha de Ciências, “Vai no laboratório”. Se tinha um desenho, “Vai na sala de Artes.” Aniversário? “Vamos por a mesa no pátio.” Foi um ano com ganhos. Mas eu, sozinha, esperava o último ir embora junto com a perua. Não lembro o nome do peruero... Ele era tão simpático! Pegava carona com o peruero, ele me deixava perto de casa, porque tinha uma aluna que morava lá perto. Loucura.

Outros tempos. Aí, as classes vieram. Minha sobrinha, na época do meu estágio, foi da primeira turma de 5ª série do Vera — a mais velha não pegou e foi para o Rainha da Paz. A orientadora dela foi a Cynira Fausto [fundadora]! Como não tinha essa Assessoria, fiquei orientando Ciências e Estudos Sociais. Ciências com Teruco [Hayashida] e Estudos Sociais com Maria Lucia [Di Giovanni]. Ah, e Educação Física com Toshiaki [Tateyama].

Lucília me orientava, orientava a minha classe, e assumi a área de Matemática. Lucília era assessora. Quando ela saiu, eu assumi. E, aí, fiquei mais dez anos. Como assessora, fazia um estágio nas classes e tinha reuniões individuais com as professoras e,

às vezes, reuniões gerais, mas pegando professora mais nova, auxiliar nova. Tive alguns problemas com algumas, mas tudo bem. Sempre me dei muito bem com todo mundo.

Atalhos do destino

Depois de dez anos, saí porque eu ia mudar para o interior. Eu e meu marido tínhamos plano de mudar para o interior. Mas meu marido morreu de repente. Aos 49 anos, quando nós estávamos fazendo esses projetos. Aí, a pessoa que tinha entrado no meu lugar não estava dando certo. A Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] foi lá em casa me fazer uma visita e falou: “Mara, por que você não volta?”. Falei: “Yolanda, eu não estou com cabeça nem pra fazer lista de feira, de supermercado. Estou péssima”. “Nós te apoiamos, vai ser bom pra você. Você vai começar com poucas horas.” Aí, comecei aos poucos.

Voltei a assumir a área de Matemática. Tive que reorganizar todo o material, porque essa pessoa desorganizou tudo que eu tinha deixado, e fiquei mais dez anos como assessora de Matemática. Até que eu falei: “Chega.” Senti que eu já tinha perdido talvez aquela coisa de juventude, querendo fazer outras coisas que no fim não deram certo, mas tudo bem. Hoje, eu sou uma senhora aposentada.

Alunos e colegas para sempre

Como professora, o que eu mais gostava era do contato com as crianças. Parece bobagem, mas aprendi a deixar de ser enjoada para comer com as crianças, porque tive que trabalhar isso com elas nos acampamentos. E perceber como a criança é sincera, é afetiva. Nossa! Resumindo, meu advogado é ex-aluno.

Estive em algumas festas no Vera e reencontrei ex-alunos. Claro que a maioria não reconheci. Estão carecas, barrigudos! Outros reconheci, mas não tenho contato. Só via nas festas, nas reuniões do Vera. De encontrar em algum lugar, no casamento de uma pessoa, de repente, mas não tenho contato.

E tinha Nair, que era cozinheira na Frei Caneca, na Brasil, que ia fazer a nossa comida no Cemucam, nos três anos que ficamos lá. Leonel eu lembro que ele fazia um pão, um pão maravilhoso. E que cara boa! Carlos eu nunca mais vi, que ficava comigo sozinha lá na Praça [Emília Barbosa Lima]. Leonor que entrou depois, junto com o Carlos...

Geyza, Ana Campos e eu fomos as três primeiras a ocupar o prédio da Praça. Só que ela e Ana Campos eram de manhã,

e eu, sozinha à tarde. Mantenho o contato com Anna [Maria Machado de] Campos [professora auxiliar], com a Gueisa [Guimarães Grassmann, professora], a Elisa [Vieira, coordenadora], é claro, com a Branca [Albernaz, fundadora], e eu tinha contato com a queridíssima Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora], uma pessoa maravilhosa. Quinha [Maria Luiza Nazarian, orientadora]... Sou aquela que liga no dia do aniversário — a não ser quando não tem —, por delicadeza social.

Informação como alimento

Passei a pandemia sozinha em casa porque eu não tenho filhos. Minha sobrinha Adriana, que é médica, dando as maiores recomendações. Sou fumante, então, cuidado dobrado. Foi muito difícil esse período da pandemia. Perdi conhecidos, não só para a covid, mas de acidente, de uma série de coisas. Era uma situação de muita impotência.

E com o que a gente via nos noticiários, a atitude do governo... É uma coisa que mexe muito comigo, não consigo ser como algumas pessoas que dizem: "Deixei de ver noticiário. Olho a manchete, não leio a reportagem". Não consigo. Não consigo ficar desinformada. Acho que é o mal de educador. De repente, o que está acontecendo na Escandinávia, nas escolas modelo,

e por aí vai. Parece que é ser um pouco masoquista, porque, quando a gente vê o que acontece nas assembleias, na Câmara, no Senado, dá uma vergonha! Como o povo não sabe votar! E sou a maior defensora de tudo que está acontecendo sobre as *fake news*, que são responsáveis por muito do que tá acontecendo no Brasil.

O pronome certo

Consigno imaginar o Vera daqui a dez anos, desde que acompanhe inovações. E não estou falando só de tecnologia, não. Mas consigo! Não sou espírita, mas sou espiritualizada. Yolanda olha por nós lá de cima. Ela tinha um amor [pelo Vera]! Ela empenhou a casa em que ela morava para cobrir o salário dos professores. Foi um sonho dela realizado, porque ela não gostou das escolas que ela visitou para matricular os filhos.

Então, ela nos olha lá de cima. Olha, estou usando “nos olha” — notou o pronome?





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

